

DO OURO NEGRO A ELDORADO: RELAÇÕES ENTRE A IMPLANTAÇÃO DA TV NO SUL CATARINENSE E O CARVÃO

Tiago da Silva¹

Cláudia Nandi Formentin²

Resumo: Este estudo tem como objetivo analisar a relação entre os ciclos do carvão e o desenvolvimento da TV Eldorado na década de 1970, quando a emissora foi fundada em Criciúma. A pesquisa busca saber se o surgimento da TV, seu desenvolvimento e fechamento coincidiram com o momento do carvão no período estudado. Foram realizadas entrevistas com pessoas que vivenciaram o momento da idealização, da fundação e do auge da emissora e pesquisa bibliográfica com autores que já haviam estudado a TV Eldorado e livros de historiadores que contam os ciclos do carvão. O minério foi a base da formação do Grupo Freitas e posteriormente a Rede de Comunicações Eldorado, que iniciou com a TV. Em todos os períodos da emissora o carvão esteve presente e indiretamente influenciou nas ações que a direção tomaria à frente do Canal. A emissora iniciou no auge do carvão e finalizou com a desregulamentação do minério pelo governo federal.

Palavras-chave: Comunicação; Carvão; Telejornalismo; TV Eldorado;

1. INTRODUÇÃO

A Associação dos Municípios da Região Carbonífera (Amrec) tem nome que faz jus ao conjunto de cidades que a ela pertencem e foram elas, as cidades, as pioneiras na exploração do carvão (GOULART FILHO, 2004). Segundo o autor, em meados de 1880 iniciaram os trabalhos pelos colonizadores europeus, que chegaram à região em busca de oportunidade de trabalho e qualidade de vida, formando as primeiras vilas. Mas foi somente em 1893 que os imigrantes encontraram o carvão nas terras de Lauro Müller.

O carvão foi descoberto por um grupo de tropeiros em 1830 durante pausa na viagem para descansar e se alimentar. As pedras que os homens juntaram para apoiar as panelas também queimavam, deixando assim o grupo espantado. As pedras foram recolhidas e levadas para o Rio de Janeiro para serem analisadas. Foi então que descobriram o ouro negro: o carvão (BELLOLI, 2002).

¹Acadêmico de Graduação do Curso de Jornalismo da Satc, e-mail: thiagoalsama@gmail.com

²Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Satc, e-mail: formentinnandi.claudia@gmail.com

“A maior riqueza de Criciúma não estava na terra nem era propriedade dos agricultores; também não estava no comércio ou na indústria incipiente, estava no seu subsolo: uma imensa reserva de carvão mineral” (TEIXEIRA, 1995, p. 42). Ainda segundo o autor, desde a descoberta e o começo da transformação do minério, Criciúma foi protagonista no cenário local e também na região. Belloli (2002, p.17), afirma que o “carvão catarinense é parte fundamental da história e da Região Sul do Estado e para alguns municípios constituiu-se na essência da sua própria história”.

A instalação dos veículos de comunicação em Criciúma mostra como a cidade foi valorizada economicamente com a extração do minério. A TV Eldorado foi o primeiro canal de televisão na região sul de Santa Catarina. Por 17 anos contribuiu com o desenvolvimento da comunicação do estado. A emissora inovou na forma de apresentar a informação e levou entretenimento para a sociedade. Antes a informação era somente pelo rádio, mas a partir de 1978 com a estreia do canal 9, a população de Criciúma passou a receber informação pela tela da televisão. Administração levou a TV Eldorado além, formando o Grupo RCE (Rede de Comunicações Eldorado), sediado em Criciúma, contava com emissoras em Itajaí, Florianópolis e Xanxerê, tornando a maior rede de comunicação de Santa Catarina. Em 1995 a TV Eldorado finalizou sua história quando foi vendida para o grupo RBS (NIERO, 1999).

A partir desse contexto, apresenta-se como pergunta norteadora desta pesquisa: qual a relação entre os ciclos do carvão e o desenvolvimento da TV Eldorado? Para se alcançar a resposta deste problema estabeleceu-se como objetivo geral relacionar as fases do carvão com o desenvolvimento da TV Eldorado em Criciúma. Já os objetivos específicos são: apresentar os ciclos do desenvolvimento do carvão desde a descoberta e dar ênfase a partir da década de 1970; identificar o momento em que a TV Eldorado surge e seu desenvolvimento; mapear se o crescimento e o fim da TV coincidem com o momento do carvão no período estudado.

O importante papel econômico que o carvão trouxe para Criciúma e região, no início da década de 1940, foi fortalecido com o escritório do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), instalado no centro da cidade. Com isso, o carvão mostrou força e deu impulso não somente para a

economia, mas também para o desenvolvimento da cidade, que viu sua população crescer em pouco tempo.

Com a economia a todo vapor, muitos empreendedores viram a chance de crescer no ramo empresarial investindo no carvão, o ouro preto, que havia com abundância no solo criciumense. Assim, é importante pesquisar este tema, devido ao fato de a extração de carvão mineral sempre estar ligada ao desenvolvimento local. Desta maneira também foi com a mídia local - rádio, jornal e televisão.

No tocante aos procedimentos metodológicos, este estudo é básico com relação a sua natureza. A abordagem do problema é qualitativa e do ponto de vista dos objetivos a pesquisa é exploratória. Já os procedimentos técnicos envolvem pesquisa bibliográfica e estudo de caso, com entrevistas com Hilário Freitas, filho de Diomício Freitas, e Evaldo Stopassoli, funcionário do Grupo Freitas à época.

2. CICLOS DO CARVÃO

A história do carvão confunde-se com o desenvolvimento do homem, faz parte desde os primeiros anos. Segundo Goularti Filho (2004), na pré-história os primitivos perceberam que a floresta transformava-se em pedras negras após serem incendiadas por um raio, e que estes resíduos também eram inflamáveis. Era o carvão vegetal, que proporcionou mais conforto e facilidade aos homens das cavernas.

Posteriormente foi descoberto o carvão mineral, um combustível fóssil resultante da transformação química do soterramento de troncos, raízes, galhos e folhas de árvores. Este processo leva milhões de anos para se desenvolver, tornando o carvão mineral o mais abundante dos combustíveis fósseis (FRANCISCO, 2018).

Por ação da pressão, alta temperatura, somados a um ambiente sem contato com o ar em decorrência de soterramento e da atividade orogênica, os restos de vegetais ao longo do tempo geológico se solidificam. Com isso, perdem oxigênio e hidrogênio, enriquecendo em carbono. Todo o processo de transformação é denominado carbonificação (BORBA, 2001). Nesse processo, segundo Goularti Filho (2004), quanto maior a intensidade da pressão, da temperatura e o tempo de

duração do processo, o grau de carbonificação atingido será o mais alto, assim, o carvão vai obter maior qualidade.

O processo de transformação do carvão é definido por estágios. A princípio se constitui a turfa, posteriormente o linhito, depois o carvão betuminoso e por fim o antracito, que é uma forma mais pura do carvão mineral. Ele é rico em carbono, compacto, duro e não produz cheiro durante sua queima (LOPES, 2018).

O carvão foi determinante no processo da Revolução Industrial na Europa nos séculos XVIII e XIX, ajudando a movimentar as máquinas produtoras de bens e de transporte. A revolução espalhou-se pela Europa Central, tendo a Alemanha como principal seguidora. A produção de ferro e carvão aumentou 26 vezes, só no período entre 1850 e 1910, graças ao uso da máquina a vapor. A evolução das máquinas teve o auge no início do século XIX. Goularti Filho (2004) relata que em 1803 Robert Fulton construiu em Paris o primeiro barco a vapor, e George Stephenson construiu a primeira ferrovia com locomotiva a vapor em 1825.

2.1 CARVÃO NO BRASIL E EM SANTA CATARINA

Os primeiros registros da presença do carvão em solo brasileiro datam de 1795. Conforme Gomes et al. (1998), foi nessa época que técnicos ingleses que construíam ferrovias em Jacuí, no Rio Grande do Sul, descobriram o minério. A existência do carvão na região de Candiota, na fronteira com o Uruguai, foi registrada em 1801 também por ingleses (GOMES et al., 1998).

De acordo com o autor, na segunda metade do século XIX, os trabalhadores ingleses iniciaram a extração de carvão na região, alguns migraram para a região do baixo Jacuí. Neste mesmo período, uma mina de carvão em Arroio dos Ratos foi inaugurada pelo imperador D. Pedro II quando esteve no Rio Grande do Sul. Ele deu o nome à mina de Princesa Isabel (GOMES et al., 1998).

Segundo Goularti Filho (2004), foi no século XIX que tropeiros acostumados a fazerem o trajeto Lages-Laguna, descobriram o carvão catarinense. Sabendo da descoberta, o governo imperial encaminhou estudiosos para avaliar a qualidade do mineral, e após a comprovação de seu teor calorífero iniciaram a sua exploração de forma rudimentar.

Ravazzoli (2013) afirma que os indígenas já conheciam as pedras que queimavam, a diferença é que os tropeiros tomaram conhecimento do seu valor econômico. A autora ainda escreve que “a mineração de carvão em Santa Catarina, então, em seu período inicial, de 1895 a 1945, foi destinado para fins energéticos”, a extração se desenvolveu na Região Sul do Estado, onde importantes centros de mineração se afirmam nos municípios de Lauro Müller, Urussanga, Siderópolis, Treviso, Criciúma, Forquilha, Içara, Morro da Fumaça e Maracajá.

Mesmo com tanto potencial, Goularti Filho (2004) menciona que somente após a construção da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina é que começou a se pensar na sua exploração do carvão com fim econômico. Para o autor, os motivos que desviaram o eixo econômico no sul de Santa Catarina foram: a primeira Guerra Mundial e a queda das importações do carvão provenientes da Europa; o rápido crescimento das atividades industriais em São Paulo e no Rio de Janeiro nos anos de 1910; a continuação desse processo nos anos de 1920 a partir da descoberta do carvão em Criciúma em 1913.

A primeira iniciativa para exploração do carvão em Santa Catarina partiu de Visconde de Barbacena, ainda no século XIX, ganhando a possibilidade de explorar o carvão às margens do Rio Tubarão por meio da “solicitação de aquisição de duas léguas quadradas de terras devolutas, formando posteriormente uma companhia de mineração chamada de *The Tubarão (Brazilian) Coal Mining Company Limited*, e uma empresa ferroviária” (GOULARTI FILHO, 2004, p. 51).

Segundo Philomena (2005, p. 21), as explorações do carvão mineral em Santa Catarina foram “atividades econômicas fundamentais ao desenvolvimento de toda a região e, desde o início de sua exploração econômica, o carvão teve a sua comercialização atrelada a decisões governamentais”.

2.2 CARVÃO EM CRICIÚMA

A fundação e a ocupação efetiva do município de Criciúma deu-se em 6 de janeiro de 1880. A descoberta do carvão em solo criciumense se deu numa casualidade em 1893. Segundo Goulart Filho (2004), a cidade se desenvolveu em torno da economia do carvão, iniciada na mesma época do povoamento.

O Centro de Assistência Gerencial de Santa Catarina (CEAG/SC 1980, p. 165, apud BELOLLI et al., 2010) relata que “a exploração do carvão começou em 1916, e em 1918 houve ampliação com a descoberta das minas de Criciúma e Urussanga”. Ocorrendo desta forma divergência entre os autores, já que Goularti Filho (2004, p. 3) menciona que a partir de 1913, com a utilização comercial do carvão em Criciúma, a região passa a dedicar-se à extração do minério, seguindo a instalação da ferrovia (Tubarão), do porto (Imbituba) e do complexo termelétrico Jorge Lacerda, em Capivari de Baixo.

Para atender a demanda de todo o país, o carvão era levado de Criciúma para o porto de Imbituba de modo rudimentar com carro de boi. Logo após esse período, é que foi iniciada a construção da Ferrovia Dona Tereza Cristina, neste tempo também iniciou a primeira companhia de mineração. Finalmente no dia 9 de fevereiro de 1886 segue para o Porto de Imbituba o primeiro carregamento de carvão pela estrada de ferro.

A Lei nº 2.524 foi criada em 1911, que determinava ao Governo fiscalizar a “entrada de carvão estrangeiro e da aplicação de carvão mineral com isenção de taxa de expediente destinado ao consumo próprio das companhias de navegação nacionais e estrangeiras”. Nesse período o carvão brasileiro sofria a influência da concorrência do produto importado.

A partir de 1930, o carvão tornou-se a principal referência econômica da região. Ocorrendo então ocupação territorial por meio de mineração obtida legalmente, até mesmo os agricultores que tinham uma pequena parte das reservas eram obrigados a vender para as carboníferas ou eles mesmos tornavam mineradores.

Tudo girava em torno do carvão, dessa forma os trabalhadores começaram a migrar para a região carbonífera em busca de emprego. Segundo Goularti Filho (2004, p. 21), “a grande maioria eram pescadores e colonos provenientes do litoral e zonas agrícolas de Santa Catarina”. Para o autor, o carvão foi o principal fundamento que levou o progresso para a cidade de Criciúma.

Com a mineração sendo explorada na região, chegaram os problemas ambientais. Segundo Teixeira (1995. p. 63), “a degradação ambiental da água, do ar e do solo, espalhou-se ao longo das bacias dos rios Tubarão e Araranguá, afetando

a economia e a ecologia das duas microrregiões (Amurel e Amesc), além da região carbonífera (Amrec)”.

A extensão da poluição ambiental - resultante da mineração do carvão (lavra, beneficiamento, transporte e estocagem de rejeitos), das coqueiras e das usinas termelétricas - não pode ser avaliada apenas na relação com a população imediatamente envolvida. As atividades produtivas e o trabalho em outras áreas que não a das carboníferas ficam comprometidas com a mineração localizada à distância, mesmo em terrenos separados entre si. Um município não se isola de outro quando se trata de poluição. A degradação ambiental gerada num município é carregada a outro pela água, pelo ar, pelo transporte do produto (VOLPATO, 1984, p. 63).

A extração de carvão era feita a céu aberto e subterrâneo, no entanto modificou o terreno no processo, “promovendo degradação da vegetação nativa, alterações químicas no solo, além de poluição na rede hidrográfica” (PHILOMENA, 2005, p. 19).

Segundo Teixeira (1995, p. 22) “até 1992, a cidade ainda liderava o ranking dos municípios produtores da região”, no entanto junto ao progresso foi possível observar a degradação ambiental por conta das minas de carvão, bem como trouxe problemas à saúde do trabalhador, e de todos os sujeitos que moravam em Criciúma.

De acordo com Goularti Filho (2004), o histórico do carvão se divide em algumas fases: a primeira vai do descobrimento do carvão até a implantação total da ferrovia em 1919; a segunda vai até a Segunda Guerra Mundial, incluindo usinas de beneficiamento, termelétricas e produção de gás e coque; a terceira fase entre a segunda guerra e os anos 70 do século XX.

Segundo Goularti Filho (2004), a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) prejudicou a importação e exportação no Brasil, ocorrendo falta de combustíveis e de outros produtos essenciais, fazendo o presidente da República, Wenceslau Brás, iniciar uma campanha de incentivos ao carvão brasileiro, despertando novamente o interesse dos grupos econômico nacionais. As dificuldades de importação de carvão mineral nesse período acenderam a chama deste minério no território nacional.

Com a chegada da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), segundo Goularti Filho (2004), intensificaram os discursos em defesa do carvão nacional, sendo que ocorreu uma crise no ano de 1947. Os defensores da indústria carbonífera nacional colocaram em prática algumas estratégias para conquistar um espaço mais estável do carvão no âmbito nacional.

É importante que seja mencionado que até as mulheres trabalhavam na mina quando não havia outros meios de trabalho, elas eram chamadas de “escolhedeiras”, pois tinham como função escolher o carvão. Para este tipo de trabalho Belolli et al. (2010) afirma que também eram contratados jovens de ambos os sexos. “Esse processo ocorreu principalmente pela carência de mão-de-obra masculina na extração do carvão mineral, durante o período da II Guerra” (BELOLLI et al., 2002 p. 257).

Com a guerra, segundo Goularti Filho (2004, p. 359) “a obrigatoriedade do consumo mínimo de carvão foi ampliada para 20%, em 1940, através do Decreto - Lei 2.667 de 3.10.1940”, criando também a Companhia Siderúrgica Nacional - CSN, sendo instalada para a incumbência de abrir frentes de trabalho para a exploração do carvão e atraindo melhores salários.

Nesse período foram construídas segundo Goularti Filho (2004) duas companhias carboníferas em Santa Catarina: a Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá S/A, e a Companhia Carbonífera Urussanga S/A. Com a instalação criou-se um amplo mercado de trabalho que ofertava emprego de extração ao transporte ferroviário e marítimo, bem como ocorrendo à abertura da primeira termelétrica estatal, a Sotelca. Esta fase ainda era de produção manual pelo mineiro.

Belolli et al. (2010) menciona que na década de 1940 o Estado de Santa Catarina liderava a produção de carvão mineral no Brasil, no entanto tal cenário modificou-se no início dos anos 50 pelo uso predominante do derivado de petróleo, tornando-se substituto do carvão mineral, todavia sua importância é bastante representativa no mundo.

De acordo com o site da Carbonífera Metropolitana (2019), em Criciúma “no início dos anos de 1940 estavam em atividades às minas Zanette, Colombo, De Bida, Colonial, Bratti e Moretti. Como se observa pelos nomes, eram minas abertas por famílias de imigrantes italianos em suas propriedades”.

No ano de 1948 ainda utilizava mão-de-obra quando o processo era manual de extração e beneficiamento do carvão, com exceção das companhias “Siderúrgica Nacional, Urussanga e Barro Branco, que operam os melhores processos e equipamentos para extração e beneficiamento” (BELOLLI et al., 2002, p. 217).

Durante os anos de 1946 a 1948 debatia-se o problema do carvão. Apesar de liderar o *ranking*, Santa Catarina sofria com a instabilidade por falta de uma política nacional do carvão, gerando assim preocupação nos produtores e alguns clientes lutavam na justiça para eximir-se de ter que dar 20% do produto importado, bem como o tabelamento do preço do produto fixado de acordo com as suas características.

Para resolver tal questão, em 1949 o Governo encaminhou um representante para ouvir os produtores. Segundo Belolli et al., (2002), foi Sílvio Fróes Abreu, engenheiro do Instituto Tecnológico e membro do Conselho Nacional de Minas e Metalurgia que palestrou para os presentes. Ele aconselhou os industriais catarinenses a melhorarem seus produtos, mencionou também sobre a pirita do carvão e seu aproveitamento para a fabricação do enxofre e seus derivados, que em sua opinião deveria ser industrializada.

No entanto, apesar de prometer uma mesa redonda, a crise na indústria carbonífera alcançou grandes proporções atingindo não somente o estado de Santa Catarina, mas o Rio Grande do Sul também. Por fim, a reunião intitulada mesa redonda ocorreu no mesmo ano, 25 de maio a 25 de junho de 1949, com o objetivo de atender aos interesses imediatos dos produtores, tendo debates como o preço do carvão fornecido pelos produtores à Companhia Siderúrgica Nacional o escoamento dos estoques acumulados.

Em curto prazo o resultado foi o de dispor ao mercado parte do estoque das empresas do setor carbonífero, desafiando os locais destinados ao embarque e desembarque da produção e garantindo a normalidade econômica e social da Região Sul Catarinense (BELOLLI et al., 2010, p. 237). Segundo Goulart Filho (2004), entre os anos de 1951 e 1968 ocorre algumas greves no âmbito da mineração que reivindicavam melhores condições de trabalho e reposição salarial, sendo que até 1957 em Criciúma as reivindicações ocorriam à revelia do sindicato, a chapa liderada pelos movimentos operários foi vencedora.

Além das greves no início dos anos 50, um desafio precisava ser encarado, conforme pesquisa feita em site da empresa Carbonífera Metropolitana (2018), “o carvão se acumulava nos pátios das minas e não havia navios suficientes para escoar a produção, que era vendida a compradores da região sudeste do país.”

Desta forma, algumas empresas tiveram que comprar seus próprios navios para fazer o escoamento do carvão.

Em 1965, foi inaugurada a Usina Termelétrica Jorge Lacerda, construída para suprir a falta de energia elétrica no Brasil e, além disso, contribuir com melhor aproveitamento do carvão nacional, que era extraído das minas da região.

A década de 1970 é bastante significativa para a atividade carbonífera, pois nesse período ocorreu o choque do petróleo. O governo buscou novas alternativas de energia criando o pró-carvão, fazendo o mercado do carvão atrair novos consumidores. Neste período, foram implantadas minas mecanizadas e registro no aumento de empregos na região, e com eles, os surgiram os problemas de saúde nos trabalhadores com relação o ambiente onde trabalhavam como: silicose, tuberculose, neoplasias no pulmão e outros efeitos ligados ao ruído.

Para Ravazzoli (2013), a atividade se intensificou e o carvão passou a ser explorado em minas de grande porte com extração mecanizada, novos lavadouros, usinas de beneficiamento, e implantadas novas frentes de lavra de forma descontrolada.

Os principais métodos de mineração de carvão no Brasil podem ser relacionados em dois grandes grupos: métodos de lavra a céu aberto com o carvão mais superficial e métodos de lavra subterrânea, sendo por método de lavra de câmaras e pilares.

A falta de controle ambiental inutilizou vastas áreas de terras e desqualificou as águas fluviais e o ar [...] Na bacia carbonífera, a preocupação governamental começa a se evidenciar na publicação do Decreto nº 85.206 de 1980, que considera a região como uma das 14 Áreas Críticas Nacionais para efeito de controle da poluição e conservação da qualidade ambiental (Decreto nº 85.206 de 1980) (RAVAZZOLI, 2013, p.183).

Para melhorar foi pedido às carboníferas que entregassem projetos a fim de revitalizar as áreas atingidas, após alguns meses de resistência eles contrataram a empresa “IESA – Internacional de Engenharia S/A e a Zeta Engenharia S/A (ficou conhecido como consórcio ZETA/IESA) para elaboração de projeto de disposição de rejeitos sólidos, tratamento de efluentes líquidos e recuperação de áreas mineradas” (DNPM, 2000, apud, RAVAZZOLI, 2013 p. 185)

Em Criciúma de 1973 a 1977, na Mina União, começou a ser implantado o primeiro projeto no país de uma mina subterrânea de carvão inteiramente

mecanizada, foi desativada em 1984. “Em 1984 e 1985 o DNPM exigiu das empresas mineradoras de carvão a apresentação mensal de relatórios de medição de gás metano nas minas” (RAVAZZOLI, 2013, p. 187).

O Governo Collor marca o início de um novo período na história do carvão:

Fundamentada nas diretrizes para a Política do Carvão Mineral, é decretada em 17 de setembro de 1990 a desregulamentação da atividade, pela Portaria nº 801 (...) [que] estabelece, entre outras medidas, o fim da obrigatoriedade de consumo do carvão nacional, a liberação dos preços do carvão metalúrgico e energético, a extinção dos sistemas de cotas de produção de carvão, a livre importação de carvão com alíquota zero, privatização da Cia Próspera (subsidiária da CSN) e a retirada da Companhia Siderúrgica Nacional das atividades ligadas ao carvão [nacional], que passa a importar a totalidade do carvão consumido com um custo mais baixo e de melhor qualidade (REBOUÇAS et al., 1997, p. 39).

No início dos anos 90, o Governo Federal desregulamentou o setor, com o carvão metalúrgico nacional perdendo a sua competitividade com os carvões importados. A atividade foi reduzida na região e as minas passaram a produzir somente o carvão energético, fechando várias minas, com a demissão de milhares de trabalhadores.

Em 15 de abril 1993 o Ministério Público Federal (MPF) em Criciúma propõe a Ação Civil Pública contra empresas carboníferas da região pela devastação de hectares e por ter prejudicado a saúde da população, pedindo que as empresas se responsabilizassem pela recuperação da área agredida e indenização à sociedade (trabalhadores da mina). Contudo, não foram aceitos os argumentos apresentados.

No dia 05 de janeiro de 2000 foi proferida Sentença pelo Juiz Federal da 1ª Vara da Circunscrição Judiciária de Criciúma/SC julgando procedente o pedido principal, e condenou os réus solidariamente a apresentarem projetos de recuperação ambiental da região que compõe a Bacia Carbonífera do Sul do Estado, contemplando as áreas de depósitos de rejeitos, áreas mineradas a céu aberto e minas abandonadas, bem como o desassoreamento, fixação de barrancas, descontaminação e retificação dos cursos d'água, além de outras obras que visem amenizar os danos sofridos principalmente pela população dos municípios-sede da extração e do beneficiamento no prazo de 6 meses, a partir da intimação da sentença, contemplando no mínimo todos os itens assinalados no PROVIDA-SC, e executar o dito projeto em um prazo de 3 anos (BRASIL, 1993).

A situação veio a se estabilizar a partir de 1997 quando, com a conclusão da Usina Jorge Lacerda IV, foi ampliado o consumo de carvão energético. A termelétrica, neste caso, garantiu a continuidade do setor carbonífero catarinense.

Segundo Koppe (2002, p.15, apud, SUFFERT, 1997) “A lavra de carvão vem sendo desenvolvida essencialmente nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, responsáveis pela maior parte da produção e detentores de 99, 4% das reservas de carvão nacional”.

No ano de 2005 algumas empresas assinaram ao TACs (Termos de Ajustamento de Conduta) firmados entre a FATMA e as mineradoras em 25 de maio de 2005 e vencido dia 10/03/2007 - o qual mencionava sobre a exploração mineral propriamente dita, o transporte, o beneficiamento e a deposição de rejeitos, desta forma tendo a obrigação de ajustar-se e adequar em suas atividades de mineração.

3. DIOMÍCIO FREITAS

Diomício Freitas é um dos nomes da história catarinense. Iniciou as atividades empresariais no ramo da extração de carvão em 1940. Com talento para o empreendedorismo tornou-se importante empresário da região carbonífera. Principiou no carvão, mas ele foi além. No auge do Grupo Freitas chegou a administrar 22 empresas, entre elas a TV Eldorado, foco deste estudo.

Foi também, segundo Gonçalves (2003), deputado federal 1962/1966 (UDN) e suplente de senador em 1979 (Arena). Em entrevista concedida em 2019, Hilário Freitas, filho de Diomício, lembra que o pai “foi desbravador praticamente de Criciúma, porque ele era, apesar de não ter tido muitos estudos como os filhos tiveram, ele foi um homem de boa inteligência e memória, e batalhador, saiu do nada praticamente”.

Diomício Manuel de Freitas nasceu na vila de Pindotiba, no município de Orleans, em 19 de abril de 1911. Filho de Manuel Delfino de Freitas e de Maria Benvinda de Freitas (FGV 2019), conforme Gonçalves (2003, p. 139):

[...] aos 12 anos teve seu primeiro emprego como telegrafista na Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, em Tubarão. Aos 17 anos teve sua primeira promoção, na cidade de Criciúma, onde assumiu a função de agente da Estação de Sangão.

Consta na biografia de Diomício Freitas que a Ferrovia representava uma segurança, estabilidade. Porém, o espírito empreendedor estava na veia. Ele não conseguia ficar somente com um emprego. O contato com políticos e empresários gaúchos nas termas da Guarda, no distrito de Tubarão, faziam Diomício pensar diferente e com grandeza (SILVA, 2002).

Diomício migra de fato para o ramo empresarial quando, em 1943, adquiriu a primeira empresa: a Carbonífera Caeté Ltda. (GONÇALVES, 2003, p. 141).

No início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), tornou-se gerente das empreiteiras Carbonífera Barracão e Carbonífera Ouro Fino. Em 1943, associando-se a Santos Guglielmi — no que seria a origem do grupo Freitas-Guglielmi — adquiriu a concessão da Carbonífera Caeté, sediada no município de Uruçanga (SC) (sic). No ano seguinte, adquiriu a concessão da Carbonífera Visconde de Taunay, da qual já era diretor, e cujo nome foi alterado para Carbonífera Cocal. Promoveu em seguida a fusão das duas companhias, criando a Carbonífera Criciúma (FGV, 2019).

Segundo Silva (2002) Diomício Freitas formou uma sociedade entre as famílias Freitas e Guglielmi, que deu origem posteriormente ao grupo Diomício Freitas.

A sociedade entre Diomício Freitas e Santos Guglielmi, iniciada ainda quando os filhos eram pequenos, foi marcada por respeito mútuo. Com o passar dos anos, parecia que ambos tinham a mesma certeza: em assuntos profissionais, os dois eram imbatíveis” (SILVA, 2002, no prelo).

Gonçalves (2003) relata que por volta de 1950 o setor carbonífero passava por problemas de escoamento da carga devido à falta de navios nos portos de Imbituba e Laguna. Diomício foi à Europa e adquiriu dois navios, fundando então a empresa Navecal - Navegação Criciúma Ltda.

Com o fim da sociedade com Santo Guglielmi (GONÇALVES, 2003, p. 141), Diomício Freitas foi crescendo no ramo empresarial. “Desdobrado em 1968 o grupo Freitas-Guglielmi, a partir de 1969 o grupo Freitas — que manteve a propriedade exclusiva da Carbonífera Criciúma — adquiriu e desenvolveu diversas empresas na área da mineração, da construção, da hotelaria, do reflorestamento, da agropecuária e da indústria de cerâmica” (FGV, 2019).

Freitas foi casado com Agripina Francioni de Freitas, com quem teve seis filhos. Faleceu em Criciúma em 29 de maio de 1981, em consequência de um acidente automobilístico na BR-101.

4. ANÁLISE DE DADOS

Esta etapa do artigo apresenta a relação entre a história da TV Eldorado e os ciclos do carvão, apresentados anteriormente. No que tange o conteúdo relacionado a história do carvão utilizou-se com base em entrevista com o filho do empresário Diomício Freitas, Hilário Freitas, e com o empresário Evaldo Stopassoli, diretor da TV Eldorado, além de pesquisas bibliográficas relacionadas ao tema.

Na década de 1940, Santa Catarina vivia o melhor momento da extração de carvão. Com a Segunda Guerra Mundial, ocorreu a obrigatoriedade do consumo mínimo de carvão pelo governo federal e a criação da CSN - Companhia Siderúrgica Nacional (GOULARTI, 2004). Nesse período “o Estado de Santa Catarina liderava a produção de carvão no Brasil, sendo o único fornecedor do carvão metalúrgico à Companhia Siderúrgica Nacional para a fabricação do aço” (BELOLLI et al., 2002, p. 221).

Diomício Freitas já era empresário do carvão. Em 1943, obteve a concessão da Carbonífera Caeté em Urussanga, formando o grupo Freitas-Guglielmi com Santos Guglielmi. Mais tarde comprou outras mineradoras e na fusão de todas as empresas de extração criou a Carbonífera Criciúma (FGV, 2019).

A Sociedade Rádio Eldorado Catarinense, de propriedade de José de Pata (NIERO, 1999), foi adquirida em 1955 pelo grupo. A emissora passou a ser precursora de uma grande rede de comunicação que no futuro viria, inclusive, a dar origem à Rede de Comunicações Eldorado (RCE) a primeira televisão com cobertura e abrangência estadual, no final dos anos 70.

Com a crise do petróleo a década de 1970 foi outro período marcante para o ciclo da atividade carbonífera. O Governo Federal criou incentivos pró-carvão como financiamentos, juros baixos e ampliação nos prazos e carência para pagamentos, além de subsídios no custo do transporte (REBOUÇAS et al., 1997).

A consequência da crise reflete na economia das cidades, a extração do carvão volta a impulsionar o desenvolvimento local. O setor da mineração torna

significativo, "em 1973, representava 36% do faturamento industrial da cidade e 45% da mão-de-obra empregada no setor secundário" (FUCRI, 1974, apud Teixeira, 1995, p. 45). Conforme Teixeira (1995, p.45), "interessante notar que justamente o momento de crise da economia nacional coincidia com o incremento do setor carbonífero". Segundo o autor, o carvão foi impulsionado nos pós-guerras mundiais de 1918 e 1945 e foi importante nas crises do petróleo de 1973 e 1979.

Nesta época, as emissoras de rádios do grupo já estavam consolidadas, mas havia o desejo de expandir ainda mais os negócios. A sociedade Freitas-Guglielmi já estava rompida, o grupo Freitas ficou responsável pela administração da Carbonífera Criciúma em 1969. Hilário Freitas relata em entrevista que o auge do carvão na década de 1970 e a ascensão do grupo não foram os motivos principais para fundação do canal de TV em Criciúma.

Segundo ele, a principal motivação foi política. Diomício Freitas foi fundador da UDN na região, "entrou para a política, elegendo-se para deputado federal para o mandato de 1962/1966". Foi também suplente de senador em 1979 (GONÇALVES, 2003, p. 141). De acordo com Hilário Freitas (2019):

Evidentemente ele como político sabia da importância de uma televisão para divulgar os trabalhos dele e a vida dele. Sabíamos do que representava a televisão na época e principalmente o grupo nosso que não era dos maiores, sermos proprietários de um canal de televisão, era muito importante para nós todos.

Evaldo Stopassoli (2019) conta em entrevista que o carvão foi o maior impulsionador do grupo. Segundo ele, mesmo o grupo Freitas possuindo diversas outras empresas, todo o grupo começou com a exploração do minério e a maior parte da renda na década de 1970 vinha dele. Portanto, o carvão foi o patrocinador da fundação da TV Eldorado em Criciúma.

Com os ideais para o fortalecimento político aliado ao bom momento do carvão na região, o comunicador Antônio Luiz foi designado por Freitas para a função de pesquisar e procurar saber como era um funcionamento de uma televisão. Foi então que, em 1974, ele foi até a capital analisar a TV Cultura (MASTELLA, 2013).

Após a visita, repassou a Manoel Dilor de Freitas, filho de Diomício Freitas, e Evaldo Stopassoli, funcionário do grupo, os dados sobre funcionamento e o faturamento da empresa, explicando a real importância do veículo. Porém,

segundo Mastella (2013, p. 21), “o grande fator para eles aceitarem a proposta de Antônio foi a possibilidade de algum outro grupo concorrente fazer isso na terra do Carvão, o que ocasionaria uma perda nos lucros”.

Os empresários escreveram uma carta que foi enviada ao Ministério de Comunicações, no documento foi solicitado um canal para a região, mas não havia nenhum disponível em Criciúma. Por esse motivo, eles contataram o engenheiro Giluitalo Germanio para investigar se existia viabilidade técnica para habilitar um canal nas redondezas de Criciúma. No estudo ele apontou a disponibilidade do canal 9 (MASTELLA, 2013).

Diante da possibilidade de instalar uma emissora, o Grupo Freitas, em 1974, abriu concorrência para a concessão de um canal de televisão para Criciúma e outro para Joinville, em sociedade com Antônio Sebastião dos Santos (NIERO, 1999). O Grupo Freitas conseguiu somente em Criciúma. “A concessão foi dada pelo Ministério das Comunicações via decreto número 77.128, de 11 de fevereiro de 1976” (PEREIRA, 1992, p. 147, apud NIERO, 1999, p. 25).

Com o êxito da concessão em Criciúma, o Grupo Freitas necessitava de um lugar para instalar a nova emissora. A direção não queria colocar em um imóvel já existente, por isso foi construída uma sede própria para o canal no Morro Cechinel, no bairro Mina Brasil. De acordo com Evaldo Stopassoli, em entrevista a Niero (1999, p. 25), “a escolha do local deu-se pela estrada, que garantia acesso ao alto do morro, e pela instalação da torre da Telesc, que garantia energia elétrica”.

O responsável pela criação do projeto da sede da nova emissora foi o arquiteto Fernando Carneiro. Em entrevista a Justo e Silva (2017), Fernando Carneiro falou que desconhecia o assunto sobre televisão, visitou estúdios de TV em Porto Alegre, Curitiba, São Paulo e Brasília. Em uma viagem a Porto Alegre, Fernando Carneiro deslocou-se com um carro da marca alemã Mercedes-Benz, foi quando olhou para o símbolo da empresa e analisou que tinha três pontas e um círculo ao redor. Então, imaginou construir um prédio circular, dividindo-o em três partes, sendo uma para a televisão, outra para o rádio, e na última para um jornal, como o Grupo Freitas desejava (JUSTO; SILVA, 2017).

A TV Eldorado começou a transmissão em novembro de 1979, exibindo a programação da Rede Bandeirantes, de São Paulo. De acordo com Evanir Meller, em entrevista a Niero (1999, p. 28), “no início, poucos programas eram mandados

pela emissora paulista. Cerca de dois ou três por dia”. Para descobrir quais eram os interesses dos telespectadores na grade de programação, uma pesquisa foi realizada com 10 mil telespectadores, que apontou o telejornalismo como favorito, seguido de filmes (PEREIRA, 1992, apud NIERO, 1999).

Segundo Niero (1999, p. 47), “com uma programação voltada à comunidade, a Eldorado conquistou a simpatia dos telespectadores, criando dessa forma uma grande interatividade entre emissora e o público”. A programação local da RCE TV foi inaugurada por meio do programa “Nove Notícias”, em conformidade ao nome, eram apresentadas nove informações aos telespectadores. O noticiário iniciava às 19 horas e tinha apenas 15 minutos de duração (MASTELLA, 2013).

Após a estreia da TV, o carvão viveu o auge da segunda crise do petróleo em 1979. Um acordo foi firmado entre o Ministério das Minas e Energia, dos Transportes, Sindicato da Indústria de Cimento e Sindicato Nacional da Indústria de Extração de Carvão para a utilização do carvão energético nas indústrias de cimentos. Mais tarde o acordo ampliou para as indústrias siderúrgicas e de papel celulose (BELOLLI et al., 2010, p. 165).

O Ministério de Minas e Energia estabelece então metas de produção: sextuplicar a produção de carvão em 10 anos, com isso a venda de carvão salta de 1,6 milhões de toneladas em 1975 para 7,1 milhões em 1986. Com o segundo choque do Petróleo, foi elaborado o Modelo Energético Brasileiro - MEB da época e provocou a criação do Programa de Mobilização Energética instituído pelo Decreto-Lei nº 1.691 de 02/08/1979 que estimulava ainda mais a produção de carvão mineral como combustível (REBOUÇAS et al., 1997, apud RAVAZZOLI, 2013, p.184).

Conforme Ravazzoli, a partir do choque do petróleo na década de 1970, a exploração do carvão foi intensificada na região e o produto passou a ser extraído de minas de grande porte e mecanizado, foram instalados novos lavadouros, usinas de beneficiamento e implantadas novas frentes de lavra. “Segundo dados levantados pelo DNPM, foi no período de 1972 a 1989 que ocorreu 80% da extração do carvão ROM (*Runof mine*) - minério bruto obtido diretamente da mina sem sofrer nenhum tipo de beneficiamento” (RAVAZOLLI, 2013, p. 184).

Em 1980, a produção da região chegou a 350 t/mês (sic). A política de proteção continuou até 1985. As atividades de mineração atingiram o auge em 1985, quando empregam diretamente mais de 10 mil trabalhadores nas minas e beneficiavam, direta ou indiretamente, milhares de outras famílias da região [...] O pico da produção de carvão deu-se em 1985, quando começa a registrar-se uma queda significativa (RAVAZOLLI, 2013, p. 184).

Ainda segundo o autor, o nível de emprego correspondia a 10% do total de mão de obra disponível em toda região, sendo 23.440 pessoas trabalhavam indiretamente e dependiam da atividade de mineração no Sul de Santa Catarina. De acordo com dados do site do Sindicato da Indústria de Extração de Carvão do Estado de Santa Catarina - Siecesc, em 1985 ocorreu o pico da produção de carvão, ficou mais ou menos 19 milhões de toneladas e chegando a contratar 12 mil funcionários diretos.

Neste período, década de 1980, enquanto o carvão vivia seu melhor momento, a TV Eldorado ampliava a produção de programas. No início, a TV Eldorado tinha seus programas gravados para posteriormente irem ao ar. Mas em função da falta de equipamentos, muitos deles precários e do reduzido potencial tecnológico, além do alto custo, os programas passaram a ser transmitidos ao vivo (NIERO, 1999, p. 45).

Conforme Dal Pont em entrevista a Justo e Silva (2017), durante o dia o estúdio era utilizado para a programação da televisão, enquanto que de madrugada era usado para a área comercial. No local eram produzidos comerciais para todo o estado de Santa Catarina, já que os equipamentos, na época, eram considerados os melhores para tal fim.

Segundo Antônio Luiz, em entrevista a Niero (1999), o Grupo Freitas ainda ampliou a RCE, adquirindo a TV Cultura em 1982, a TV Vale do Itajaí em 1983 e a TV Xanxerê em 1988, chegando a ter mais de 600 funcionários. Além disso, o grupo Freitas teve inúmeras rádios pelo estado.

Mesmo o canal 9 sendo o maior grupo de comunicação de Santa Catarina, passava por dificuldades financeiras. Segundo Hilário Freitas (2019), o canal de TV não se mantinha sozinho, não possuía recursos próprios suficientes para isso, nem através de propagandas. O grupo Freitas ajudava com recursos para manter a TV Eldorado funcionando.

A informação foi confirmada em entrevista por Evaldo Stopassoli (2019). Segundo ele, era o Grupo Freitas que custeava e completava a renda para manter no ar. O grupo possuía diversas empresas, porém, a maior renda ainda era da exploração do carvão. O problema foi a principal motivação para venda da emissora, na década de 1990. Ainda segundo Freitas (2019), essa crise no carvão

teria afetado o grupo, que não achou mais interessante manter as rádios e a televisão e acabou se desfazendo de tudo isso (FREITAS, 2019). De acordo com Mastella (2013, p.41):

[...] Depois de pouco mais de seis meses de pesquisas em jornais, sites e entrevistas, dos depoimentos colhidos, dá-se a entender que o grande motivo para o fechamento desta emissora foi o financeiro. Mesmo com a declaração de Milioli Neto “eles tinham a cerâmica em mãos, a família Freitas poderia fazer mais esforço para sustentar, tinham condições”, fica a certeza que o problema da TV criciumentense foi o dinheiro. A concorrência da Rede Brasil Sul (RBS), afiliada à Rede Globo, foi fatal para o desfecho descoberto.

Outro fator influenciou a venda das rádios e principalmente a venda TV Eldorado, foi a crise do setor a partir de 1987 provocada pela desregulamentação do carvão pelo Governo Federal (TEIXEIRA, 1995). Segundo o autor, o governo Sarney permitiu a entrada do carvão importado da Colômbia, além disso, também reduziu os subsídios. Com a medida a produção caiu para 2.7 mil toneladas por ano e os empregos diretos foram reduzidos.

O carvão catarinense teve vários ciclos que motivou o ápice no cenário nacional. A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a segunda (1939-1945), o minério virou solução do sistema produtivo no uso do carvão para o abastecimento da siderurgia nacional (Belloli, 2010). Segundo o autor, retirada dos subsídios do governo federal prejudicou o setor:

Este corte total de subsídios, os preços sempre defasados, o atraso nos repasses dos débitos do Governo Federal para as empresas mineradoras, constituíram os pontos-chaves da crise que se instalou no setor a partir de 1988. Em 1992, as 12 empresas mineradoras da região passaram a produzir apenas 1,8 milhões de toneladas de carvão vendável.

Para os trabalhadores, a crise deu sinal a partir de 1987, quando alguns empresários começaram a fechar as portas das empresas (TEIXEIRA, 1995). De acordo com o autor, sem a intervenção do estado o carvão entrou em desequilíbrio, “ficava estabelecido o fim da compulsoriedade de compra do carvão nacional e liberada a importação com alíquota zero. O setor carbonífero catarinense ficava, assim, entregue à própria sorte” (TEIXEIRA, 1995, p.57).

Esta mudança inesperada e sem qualquer planejamento, causou a imediata a perda de mercado levando as empresas a demitirem mais de 50% do efetivo de trabalhadores do setor carbonífero. Causando um efeito cascata a toda

rede direta e indiretamente abrangidos pela mineração como: Rede Ferroviária Federal, Lavador de Capivari de Baixo e o Porto de Imbituba, e outros segmentos de importância econômica financeira (BELLOLI et al., 2010). Em consequência disso:

Sem o dinheiro necessário para o investimento, a emissora de Criciúma assistia a RBS ganhar forças, não pela audiência, mas com a aquisição de equipamentos, que faziam a diferença na qualidade da imagem, além de não ter o dinheiro necessário para arcar com as despesas. A concorrência crescia e, consequentemente, as vendas para o comercial não eram mais as mesmas. [...] Em aproximadamente dois anos, a RCE começou a ter despesas grandes. [...] Dilor achou melhor colocar a emissora à venda (MASTELLA, 2013, p.37).

Com a crise causada pelo governo nas mineradoras, faltou dinheiro para investimentos na TV Eldorado. Conforme Mastela (2015), com todos os problemas envolvendo a emissora, só restou uma forma que era vender à emissora. Em novembro de 1995 finalmente a TV Eldorado foi vendida para o Grupo RBS, afiliada da Rede Globo, atualmente NSC.

O encanto da TV Eldorado para Criciúma e região durou no ar por 17 anos. Porém ficou apenas na lembrança de quem a viu nascer, crescer e entrar para a história.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo foi idealizado com o propósito de analisar a relação entre os ciclos do carvão e o desenvolvimento da TV Eldorado. Os objetivos específicos incluem apresentar o desenvolvimento do carvão desde a descoberta e dar ênfase a partir da década de 1970, quando a TV Eldorado surgiu no sul de Santa Catarina, identificar o momento em que a TV surge e seu desenvolvimento, além de mapear se o crescimento e o fim da TV coincidiram com o momento do carvão no período estudado.

Para isso foram realizadas entrevistas com pessoas que vivenciaram o momento da idealização, fundação e do auge do canal de televisão, como Hilário Freitas, filho do fundador Diomício Freitas, e Evaldo Stopassoli, funcionário do Grupo Freitas. Além disso, foi realizada pesquisa bibliográfica com autores que já haviam estudado a TV Eldorado e livros de historiadores que contam os ciclos do

carvão desde a descoberta, passando pelo início da exploração em 1913 até chegar na década de 1990, quando o minério entrou numa grave crise causada pela desregulamentação por parte do governo federal.

Com base em todas as pesquisas da TV Eldorado e do carvão, foi possível chegar à conclusão que o carvão foi a base da formação do Grupo RCE, que iniciou a partir da fundação da TV Eldorado. O grupo começou com a aquisição da Rádio Eldorado em 1955. Foi o pontapé inicial para o investimento em várias outras rádios pelo estado. Após a chegada da TV Eldorado o grupo foi além, comprando emissoras de TV por todo estado, formando assim a maior rede de comunicação de Santa Catarina na década de 1980.

Os pontos fortes da TV sempre estiveram atrelados ao momento do carvão. Na década de 1970, com a crise do petróleo no mundo, o carvão teve grande incentivo do governo para suprir a demanda nas indústrias siderúrgicas, de cimento e mais tarde ampliando para a indústria de papel celulose. Com isso o grupo investiu na televisão.

Durante o desenvolvimento da TV na década de 1980 ocorreu outro pico do carvão, tanto em produção como na contratação de mão de obra. Era o bom momento do minério aliado ao desenvolvimento da TV. Era este pico do carvão que mantinha a TV, pois mesmo a emissora estando no auge nesse período não havia recursos publicitários suficientes para cobrir o rombo do caixa. O carvão sempre foi aliado na idealização como também na manutenção. E a crise do carvão a partir de 1987 pesou completamente na venda da TV para o grupo RBS. Com a desregulamentação, o carvão catarinense perdeu seu valor e dinheiro. Muitos empresários abriram falência nesse período.

Portanto, o carvão foi essencial para o desenvolvimento da TV Eldorado. Não só foi o financiador como o mantenedor de todo o projeto que alcançou o estado com a Rede de Comunicações Eldorado. O carvão foi o precursor do grupo empresarial Freitas. Afinal, não há como separar a história que começou lá em 1940 quando Diomício Freitas adquiriu a primeira empresa, a mineradora Caeté, das outras que surgiram logo após. O carvão foi o início de tudo.

Considerando ainda a história e importância da TV Eldorado, sugere-se como estudo futuro pesquisa sobre o impacto da emissora no desenvolvimento do Sul do Estado, considerando-se que Criciúma e região tiveram grande destaque

durante o período em que a TV Eldorado foi protagonista, já que era geradora de conteúdo a partir de Criciúma para todo estado. A partir da venda, a cidade teve apenas sucursal, possuindo somente alguns minutos diários na programação estadual.

REFERÊNCIAS

BELOLLI, Mário; QUADROS, Joice; GUIDI, Ayser. **História do Carvão de Santa Catarina: 1790-1950**. Criciúma, SC: IOESC, 2002. v.1.

_____. **História do Carvão de Santa Catarina: 1950-2000**. Criciúma, SC: MEG, 2010. v.2.

Borba, R.F. **"Carvão Mineral"**. Balanço Mineral Brasileiro, 2001. Disponível em <<http://www.anm.gov.br/dnpm/paginas/balanco-mineral/arquivos/balanco-mineral-brasileiro-2001-carvao-mineral/view>>. Acesso em 01 de maio de 2018.

BRASIL. **JUSTIÇA FEDERAL**. 1ª Vara Federal de Criciúma, SC. Processo nº 93.8000533- 4. Autor: Ministério Público Federal. Réu: Nova Próspera Mineração S.A. e outros. Propõe a recuperação dos danos ambientais causados pela exploração de carvão mineral na região sul de Santa Catarina. Petição inicial protocolada em 15 de abril de 1993.

CARBONÍFERA METROPOLITANA. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.carboniferametropolitana.com.br/empresa/historico>>. Acesso em: 12 de maio de 2018.

SILVA, Zé da. **Nos trilhos de Diomício Freitas**. V. 1, 2002. No prelo.

Departamento Nacional de Produção Mineral - DNPM. **Ofício nº 664/2000 – 11º DS/DNPM**. Florianópolis, 08/06/2000. Disponível no DNPM em Santa Catarina.

Diário Catarinense. **Extração do carvão é uma das economias mais importantes do Sul de SC**. 29/11/2012. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2012/11/extracao-do-carvao-e-uma-das-economias-mais-importantes-do-sul-de-sc-3966478.html>>. Acesso em: 15 de maio de 2018.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. **"Carvão Mineral"**; Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/carvao-mineral-combustivel.htm>>. Acesso em 01 de maio de 2018.

FREITAS, Hilário. **Entrevista concedida a Tiago da Silva**. Criciúma, 30 de abril de 2019.

Fundação Getúlio Vargas . FREITAS, Diomício. Disponível
<<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/diomicio-manuel-de-freitas>>. Acesso em: março/2019

GOMES, Aramis Pereira et al. **Carvão Fóssil**. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340141998000200006&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em 10 de abril de 2019.

GONÇALVES, Gesiel da Silveira. **Aconteceu no Século XX**. Criciúma: Ed. do autor, 2003.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004.

JUSTO, Émerson Jardim; SILVA, Tiago da. **RCE – TV Eldorado: uma história de pioneirismo no sul de Santa Catarina**. Criciúma, 2017.

KOPPE, 2002. In. SÜFFERT, Telmo. **Carvão nos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina**. Porto Alegre: CPRM, 1997.

LOPES, Marcos. **O carvão mineral no Brasil e no mundo**. Disponível em:
<https://tecnicoe.ineracao.com.br/carvao-mineral-no-brasil-e-no-mundo/>. Acesso em 01 de maio de 2018.

MASTELLA, Mateus Gonçalves. **TV RCE: do nascimento, a glória e a redenção**. 2013. 50 p. Monografia - Curso de Jornalismo, Faculdade Satc, Criciúma.

NIERO, Daniela Colladel. **TV Eldorado: Um estudo introdutório**. 1999. 58 f. Monografia - Curso de Comunicação Social, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão.

PHILOMENA, Gerson Luis de Boer. **Cultura do carvão em Criciúma - SC: a história que não se conta**. 2005. 173 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Criciúma, 2005.

RAVAZZOLI, Cláudia. **A problemática ambiental do carvão em Santa Catarina: sua evolução até os termos de ajustamento de conduta vigente entre os anos de 2005 e 2010**. Geografia em questão. V.06. N. 01. 2013

REBOUÇAS, Aldo da Cunha, et al. **Diagnóstico Preliminar dos Impactos da Mineração na Área do Morro Estevão e do Morro Albino – Criciúma – SC**. In: Revista de Tecnologia e Ambiente. UNESC, Criciúma. V.3, jan/junho de 1997, p. 7-53.

STOPASSOLI, Evaldo. **Entrevista concedida a Tiago da Silva**. Criciúma, 17 de maio de 2019.

TEIXEIRA, José Paulo. **Os donos da cidade**. Florianópolis: Insular, 1995.

VOLPATO, Terezinha Gascho. **A Pirita Humana:** Os mineiros de Criciúma, UFSC / ASS. LEG., 1984.